

SANTOS, FEITICEIROS E DOUTORES

Religião, Magia e Tecnologia no Imaginário Camponês

Adriano de León*

"Se definirmos a magia como o emprego de técnicas ineficazes para afastar a ansiedade quando as eficazes não estão à mão, então teremos que reconhecer que nenhuma sociedade estará jamais livre dela."

(Keith Thomas)

O texto a seguir trata de uma pesquisa de cunho essencialmente qualitativo feita em 1991 com uma comunidade camponesa assentada em um antigo engenho de rapadura - Engenho Cipó - situado no município de Areia-PB.

Através do referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso proposto por Michel Foucault e Dominique Mangueneau, foram entrevistadas camponesas pertencentes às 12 famílias assentadas. A *démarche* final da análise do discurso não é o desvelo dos discursos enunciados, e sim a observação do interdiscurso, formado por vários enunciados e compartilhado por inúmeros titulares que revestem-no de variadas formas e ideias.

Depois de instalado e parcialmente resolvido o conflito entre os ex-moradores do Engenho Cipó entra em cena a Igreja Católica, representada por duas irmãs franciscanas ligadas à Teologia da Libertação e à Pastoral da Terra, além da ação da tecnologia pelas mãos de técnicos do Estado.

"Foi Deus quem mandou as irmãs!"

(RM, 42)

Para os pequenos moradores do Engenho Cipó as irmãs franciscanas representam a mediação entre o plano divino e a situação terrena de expropriação vivida por eles. Seu discurso é plenamente aceito no seio da comunidade e foi capaz de modificar a condução dos pequenos produtores graças à religiosidade que este discurso encerra, por mais que assim não o pareça.

Com efeito, o imaginário dos pequenos produtores do Engenho Cipó revela através dos seus discursos que as irmãs têm um papel de mito dentro da comunidade.

Para o imaginário popular o mito representa a organização do real. (Girardeau, 1990: 45).

O mundo dos ex-moradores do Engenho Cipó foi estruturado com valores ligados ao plano de Deus, transmitidos oralmente pelos seus preceitos e práticas sociais, e com valores ligados ao plano humano que se relacionam com os elementos transmitidos pela estrutura social então dominante. Estes últimos se entrelaçam com alguns fundamentos religiosos numa teia que imprime no grupo discursos e ações imbuídos de tradicionalismo, moralismo e fatalismo.

A visão camponesa do mundo, revestida de elementos naturais e religiosos é fruto de uma época onde a religião significava o conhecimento e a manipulação das forças naturais, ou seja, a religião significava magia.

Nas representações camponesas a natureza é a própria representação dos seres. (Foucault, 1990: 223).

Não só as representações se revestem de formas religiosas ligadas principalmente à produção. Rituais relativos à forças naturais respondem por momentos de fecundidade, crescimento ordenado das culturas agrícolas e dos animais e, notadamente, o advento da colheita. Estes fundamentos ainda hoje encontrados em comunidades camponesas, como a do Engenho Cipó, trazem resquício de uma religião ligada ao elemento feminino - a Terra - responsável pela reprodução das plantas, animais e homens.

Esta religião primitiva, originária dos feudos europeus, declinou com o advento de uma religião oficial que ora se ligava às crenças populares, ora a estas se rivalizava, conforme os arranjos da Igreja católica face às novas situações históricas. (Thomas, 1991: 08-26).

No processo de pesquisa foi desvelada a existência de práticas mágicas utilizadas pelos pequenos produtores do Engenho Cipó. Por estratégia, as perguntas relativas a este tema forma formuladas apenas nas últimas entrevistas, desde que observou-se que estas práticas são peculiares ao grupo comunitário, não obstante consideradas secretas e restritas a certos casos. Sua importância para as relações entre camponeses e tecnologia deve ser levada em conta.

As práticas mágicas, tal qual a tecnologia, manejam a produção agrícola e a organização social. Sem rastro de dúvidas, tais práticas mágicas são fatores de resistência da parte do grupo à entrada de agentes externos. Elas unificam a comunidade pelo fato de serem segredos tradicionais repassados oralmente através das gerações. Chocam-se com a tecnologia por esta ter um caráter aberto, impessoal e constantemente redefinido por novos inventos e métodos.

O desconcerto dos entrevistados, quando das perguntas referentes às práticas mágicas, era tamanho ao ponto de esvaziar completamente o ambiente onde a entrevista estava sendo realizada. As pessoas da comunidade se entreolhavam com desconfiança e censura. O que foi conseguido se deu a nível de abordagens indiretas - o interdiscurso.

"Nun bula com essa conversa não. Senão ninguém mais conversa com você..."

(Dona RM, 42, ao aconselhar-me quanto às perguntas sobre práticas mágicas).

Segundo Foucault (1987: 120 e seg), os discursos independem de seus enunciadores. Refletem situações bem definidas, não obrigatoriamente temporais ao momento em que

forma enunciados. Com efeito, o próprio silêncio é um discurso, desde que revela uma referência ao proibido, ao censurado, ao secreto.

Com o passo da História, a cultura camponesa sofreu uma deformação através da transmissão de uma cultura erudita que os fez acreditar que o culto ligado às práticas naturais era um culto guiado pelo demônio. (Ginzburg, 1989: 138).

“Não rapaz. Aqui ninguém mexe com essa coisa não. Todo mundo aqui é católico!”

foi a resposta de dona RM, 42, quando questionada sobre benzeduras de animais e plantas para a cura de pragas e doenças. Contudo,

“... já vi muita gente por aí que faz isso.”

foi a resposta de dona Maria Tranca Rua, 74, ao responder pergunta idêntica.

A negação desta prática, tão comum no meio rural dos velhos engenhos de rapadura, tem raízes no controle da religião pela Casa Grande, em tempos mais remotos, e pelos ditames da tecnologia no momento atual.

Mesmo com o controle por parte do Senhor de Engenho quanto à religião, mesmo com as práticas agrônômicas e veterinárias por parte do Estado via extensão rural, os ex-moradores do Engenho Cipó, apesar de silenciarem a respeito disto,

“... benzem as casas, as enxadas, os bichos doentes e até as crianças com mau-olhado.”

(LAS, 38, vizinha do Engenho Cipó)

O discurso silencioso dos pequenos produtores do Engenho Cipó é estratégico e preciso. Representa uma resistência cultural à dominação dos agentes urbanos, e mesmo rurais como a Casa Grande e, ao mesmo tempo, uma agregação

de outros valores trazidos até o seu meio por estes agentes. Não existe um discurso puro, pois.

Este sistema de práticas mágicas é multifacetado. Nele não há um padrão hierárquico institucionalizado, tampouco uma sistematização teológica, mas pressupõe a existência de um amplo e rígido código moral.

A observação da paisagem rural presente desde os terreiros até o interior das casas dos pequenos produtores do Engenho Cipó trouxe à tona objetos e adereços usados ora no ritual cristão, ora nos rituais mágicos. As benzeduras, o fogo, o culto à Virgem, as ervas, simpatias e adivinhações são exemplos das práticas. Como adereços o Cordão de São Francisco, as fitas de santos, terços o *Agnus Dei*, entre outros, representam as peças mágicas de proteção e contato com o plano divino. Há na religião oficial elementos mágicos, bem como há nas práticas mágicas aspectos religiosos. A prática da eliminação do mau-olhado em crianças, por exemplo, é feita em duas etapas. A primeira é silenciosa, com a recitação de orações murmuradas ao tempo em que a benzedeira balança um galho de arruda diante do doente. A segunda etapa consta da recitação de três Ave Marias em claro e bom tom.

Há, com efeito, uma barreira ideológica fruto da ação da Igreja Católica e da Extensão Rural em relação a tais práticas mágicas. A tradição dos velhos benzedores e sábios nega, em parte, algumas práticas agronômicas e veterinárias. Notadamente durante as festas da fertilidade - o período dito junino - elementos pagãos como fogo, adivinhações, simpatias e evocações emergem com muito mais intensidade do que os próprios preceitos dogmáticos católicos característicos desta época do ano. O discurso mágico se baliza em torno de problemas da vida concreta, instantânea e específica.

Prática comum encontrada na comunidade em tela é o culto aos santos. A relação dos camponeses com estes, principalmente os mais antigos, é pessoal e direta. Nem mesmo o discurso da Teologia da Libertação enunciado pelas irmãs

católicas foi capaz de modificar a interação santo-comunidade do Engenho Cipó. Isto significa uma forma de resistência.

Na verdade, o culto aos santos da chuva e da colheita - São José, São João, São Pedro e Santana - são cultos de origem pagã ligados à práticas mágicas de invocação de forças naturais de fertilidade manifestadas através dos fenômenos climáticos. A presença do fogo, sal, água, cantos, adivinhações, simpatias e conjuros - todos elementos mágicos da tradição européia dos cultos pagãos no solstício de inverno - ficaram a reboque dos santos católicos, pois tais práticas foram endemonizadas pela religião oficial.

O ato de fazer adivinhações - que ocorre em toda época, com ênfase no mês de junho - é um ato semelhante à feitiçaria praticada na Europa Medieval.¹ Requer a presença de um interventor - o santo, de um elemento natural - ervas, milho, peças, e de alguma oração - seja uma reza ou conjuração popular. Nos períodos que não o junino as práticas adivinhatórias são secretas e raras, mas possuem os mesmos elementos das adivinhações juninas. Elas emergem sem véus nos meses de maio, junho e julho porque os próprios agentes opressores - Igreja ou extensão - assim o permitem.

A manutenção de práticas de manejo agrícola e outras cotidianas ligadas aos conhecimentos tradicionais secretos - as práticas mágicas - revela um foco de resistência diante da tecnologia e da religião importadas do meio urbano. Com efeito, ao invocarem tais práticas, os pequenos produtores do Engenho Cipó se reafirmam enquanto uma comunidade camponesa. As brechas por onde penetram a tecnologia e a nova ação religiosa são os pontos onde emergem uma nova identificação que permita a garantia da manutenção da posse da terra e a reprodução familiar pelo seu manejo. As práticas mágicas da colheita nunca vão se extinguir, desde que a

¹ Para maiores detalhes sobre este tema recomenda-se Keith Thomas, o qual traça o desenvolvimento da religião em detrimento da magia, além de Laura de Melo e Souza nos seus estudos sobre inquisição e demonologia no Brasil colonial, ambos citados nas referências bibliográficas.

tecnologia - a ciência que desvenda a magia - e a religião católica - a teologia que elucidada estas práticas mágicas - são, por si mesmas, reprodutoras deste sistema de práticas mágicas tradicionais moldadas e, por vezes, explicadas pela ciência e pela fé. Um rico interdiscurso entre a cruz e a enxada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 3ª. ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987. (Campo Teórico).
- _____. *As Palavras e as Coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. 5ª. ed. Martins Fontes, 1990. (Ensino Superior).
- GINZBURG, C. *Os Andarilhos do Bem*. Práticas agrícolas e feitiçaria nos séculos XIV e XV. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GIRARDEAU, R. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- MANGUENEAU, D. *Les Discours*. Paris, Gallimard, 1990.
- SOUZA, L.M. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. 2ª. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- THOMAS, K. *O Homem e o Mundo Natural*. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais. 1500-1800. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- _____. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.